

O “HERÓI PORTUGUÊS”: A LITERATURA INFANTOJUVENIL DE ADOLFO SIMÕES MÜLLER E SUA ADEQUAÇÃO À CENSURA DO ESTADO NOVO

THE “PORTUGUESE HERO”: THE CHILDREN’S AND YOUTH LITERATURE OF ADOLFO SIMÕES MÜLLER AND ITS ADEQUACY TO THE CENSORSHIP OF THE ESTADO NOVO

Alex de Oliveira Santos¹

Paulo César Ribeiro Filho²

RESUMO

O presente artigo propõe-se a analisar a inserção do livro **O grande almirante das estrelas do sul: pequena história de Gago Coutinho e da 1ª viagem aérea ao Brasil**, de Adolfo Simões Müller, no contexto de censura da literatura infantojuvenil do Estado Novo português. Para tal análise, serão considerados os seguintes aspectos: a figura do autor e sua associação com o regime ditatorial de Salazar; as reivindicações coloniais presentes no livro; a presença do feminino na narrativa; e a expressão simbólica, na obra de Müller, da aproximação do Estado Novo com os fascismos europeus. Com isso, espera-se contribuir com os estudos sobre a literatura infantojuvenil durante o Estado Novo.

PALAVRAS-CHAVE: Müller. Censura. Infantojuvenil.

ABSTRACT

The present article aims to analyze the insertion of the book **O grande almirante das estrelas do sul: pequena história de Gago Coutinho e da 1ª viagem aérea ao Brasil**, by Adolfo Simões Müller, within the context of the censorship of children's and youth literature during the Portuguese Estado Novo. This analysis considers the following aspects: the figure of the author and his association with Salazar's dictatorial regime; the colonial claims present in the book; the representation of the feminine in the narrative; and the symbolic expression, in Müller's work, of the Estado Novo's approximation to European fascisms. Therefore the study thus seeks to contribute to the research on children's and youth literature during the Estado Novo.

KEYWORDS: Müller. Censorship. Children's and youth.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante o Estado Novo português, uma grande preocupação do regime nacionalista foi o resgate do orgulho patriótico, diretamente relacionado à percepção histórica de Portugal como um país colonizador (Rosas, 2001, p. 1034). De acordo com Garcia (2008, p. 131), “uma das melhores formas de despertar o interesse pelo património colonial foi sem dúvida a literatura”. Foi com esse entendimento que a Agência Geral das Colónias criou o Concurso de Literatura Colonial, com a finalidade de incentivar a produção de obras literárias que retratassem viagens ultramarinas pelas colônias e a leitura do povo português (Garcia, 2008, p. 132).

Nesse contexto, pode-se compreender que essa campanha estatal de incentivo ao resgate de um passado colonial influenciou o mercado editorial em diversos aspectos. As ferramentas de censura, impostas inicialmente à imprensa e depois estendidas a todas as publicações³ (Silva, 2025, p. 3), também fortaleceram esse cenário de impulsão ao nacionalismo, tornando restritas outras possibilidades de produção literária.

No entanto, embora o Concurso de Literatura Colonial incentivasse uma produção do gênero em três categorias — sendo a primeira relacionada a narrativas ficcionais, a segunda a narrativas biográficas/históricas e a terceira à literatura científica⁴ —, nenhuma delas era explicitamente convidativa à produção de literatura infantil e/ou juvenil. Nesse sentido, até então sem uma grande vigilância estatal sobre a circulação de materiais destinados especificamente a esse público, as crianças e jovens em Portugal, assim como em diversos outros países europeus, passaram a manifestar interesse pelas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanos, fato que começou a preocupar o regime nacionalista de Salazar (Pinto, 2016, p. 296).

Sob essa percepção de alerta, foram criadas na década de 1950 comissões especializadas na censura de publicações infantojuvenis (Pinto, 2016, p. 293). Além de favorecerem a circulação de obras que exaltavam a Pátria e o orgulho português, esses mecanismos censórios também refletiam

na literatura expectativas comportamentais de natureza conservadora, a exemplo das representações femininas restritas ao padrão esperado pela ideologia salazarista: o de mãe ou esposa dedicada (Bárbara, 2014, p. 74).

Embora a fonte mais expressiva da literatura infantil e juvenil durante esse período tenha sido as “bandas desenhadas” de revistas como **Mundo de aventuras** e **Cavaleiro andante**, que se fortaleciam como alternativa à hegemonia das histórias em quadrinhos norte-americanas (Pinto, 2016, p. 298), algumas obras literárias de outros tipos também ganharam certa notoriedade. Um exemplo é a coleção **Gente grande para gente pequena**, de Adolfo Simões Müller (Seco, 2012, p. 85). Com seis volumes publicados, a coleção conta a história de heróis europeus cujos feitos notáveis trouxeram contribuições significativas para a humanidade. Ainda que seus livros antecedam a criação das comissões especializadas em literatura infantojuvenil, as reimpressões pelas quais tais obras passaram após a implementação desses mecanismos censórios evidenciam sua adequação ao padrão esperado pelo regime ditatorial. Esse alinhamento ao regime salazarista torna-se ainda mais evidente ao se considerar que Adolfo Simões Müller fez parte de uma das comissões (Pinto, 2016, 296-297).

Nesse sentido, considerando o resgate do orgulho português propagado pelo Estado Novo, este artigo visa analisar a obra **O grande almirante das estrelas do sul: pequena história de Gago Coutinho e da 1ª viagem aérea ao Brasil**, de Adolfo Simões Müller, que apresenta e exalta a trajetória de dois heróis nacionais portugueses. Para a discussão, serão considerados os seguintes aspectos: a trajetória do autor e seu apoio ao Estado Novo; a reivindicação colonial presente na narrativa e a comparação de Gago Coutinho e Sacadura Cabral com os navegadores portugueses dos séculos XIV e XV; a representação do feminino no livro, condizente com a ideologia salazarista; e a representação simbólica, no final da obra, da aproximação do Estado Novo português com os fascismos europeus. Com essas reflexões, a partir de uma obra adequada aos padrões permitidos pela censura do período, espera-se contribuir com os estudos sobre a censura infantojuvenil durante o Estado Novo, ainda escassos (Pinto, 2016, p. 290).

O GRANDE ALMIRANTE DAS ESTRELAS DO SUL: COLONIALISMO, CENSURA E ADEQUAÇÃO AO ESTADO NOVO

Em meados da década de 50, período de intenso fortalecimento do Estado Novo português, a preocupação do regime autoritário com o domínio cultural norte-americano por meio das histórias em quadrinhos (HQs) de super-heróis corroborava o discurso nacionalista e o viés de urgência em se estabelecer parâmetros que regulassem o consumo literário e cultural de crianças e jovens portugueses. Esse cenário — também vivenciado, embora de modos diferentes, em outras nações europeias, como na França e na Inglaterra — foi o propulsor para a criação, em 1950, da Comissão Especial para a Literatura Infantil e Juvenil (CEPLIJ) e da Comissão da Literatura e Espetáculos para Menores (CLEPM), em 1952, dois dos diversos órgãos de regulação censória do período salazarista (Pinto, 2016, p. 292-293).

Ante a um mundo imerso nas publicações das HQs de super-heróis estadunidenses que vendiam cada vez mais, o governo ditatorial português, comandado por Salazar, preocupava-se com a queda do sentimento nacionalista nos jovens — fato explicitamente descrito na Circular nº 284, de 18 de outubro de 1955, da CLEPM:

considerando que nesta ordem de ideias não é admissível que elas possam concorrer para a desnacionalização dos seus sentimentos, pondo-a constantemente em admiração perante tudo quanto é estrangeiro, com diminuição da confiança e do apreço pelas pessoas e pela Pátria Portuguesa; (CLEPM, 1955, p. 1)

Nesse sentido, as referidas comissões investiam não apenas na proibição da circulação de obras que se desviassem dos interesses do Estado Novo, mas também no incentivo a uma literatura infantil e juvenil que colocasse heróis nacionais em evidência, em contraposição aos “super-heróis” americanos cada vez mais conhecidos (Pinto, 2016, p. 300).

É nesse contexto que a coleção **Gente grande para gente pequena**, de Adolfo Simões Müller, um dos membros da CEPLIJ, passa a ganhar notoriedade, embora a escolha dos heróis para tal coleção não tenha tido como aspecto prioritário a nacionalidade portuguesa (Seco, 2012, p. 88). Com publicações não dificultadas pela Censura, tais obras exaltavam não apenas figuras portuguesas, mas também europeus de outras nacionalidades com feitos notáveis na história da humanidade, como o compositor alemão Richard Wagner (1813-1883), em **O piloto do navio fantasma: pequena história de Wagner e da sua música genial** (Müller, 1953), e o inventor Thomas Edison (1847-1931), em **O homem das mil invenções: pequena história de Edison e dos seus inventos** (Müller, 1952).

O quinto livro dessa coleção, intitulado **O grande almirante das estrelas do sul: pequena história de Gago Coutinho e da 1ª viagem aérea ao Brasil** (1954), configura-se como um exemplo notório da exaltação nacionalista promovida pela Comissão Especial para a literatura infantil e juvenil. Embora a primeira edição do livro date de 1949, ano anterior à criação oficial da CEPLIJ, suas subseqüentes reedições evidenciam sua adequação à censura promovida pelo Estado Novo. O exemplar registrado na Bibliothèque Nationale de France indica que a obra passou por pelo menos 4 reedições, sendo a 4ª edição de 1962.

Nessa obra, Gago Coutinho (1869-1959) e Sacadura Cabral (1881-1924) protagonizam a primeira viagem aérea transatlântica de Portugal para o Brasil. Sem poupar elogios aos heróis nacionais, Müller introduz ao público jovem a trajetória de Gago Coutinho desde a infância até a idade avançada, destacando sempre sua importância para o resgate de um sentimento de grandiosidade portuguesa que havia se perdido com o tempo, de acordo com o “mito do novo nacionalismo” elencado por Rosas (2001, p. 1034).

Para uma compreensão sobre a inserção do livro nesse momento de intenso incentivo à produção da dita literatura colonial nos países de língua portuguesa, é necessário conhecer a figura do autor. Desde a sua infância, como manifestado pelo narrador de **O grande almirante das estrelas do sul: pequena história de Gago Coutinho e da 1ª viagem aérea ao Brasil**, que encarna-se em sua própria figura, Müller demonstrava uma tendência para a escrita. Nascido em 1909, na cidade de Lisboa, ele foi considerado um mestre da literatura infantil e juvenil (Seco, 2012, p. 7).

Simpatizante do regime do Estado Novo, Müller não manifestou seu apoio à ditadura apenas em suas narrativas escritas, mas também como um agente público, na função de Vogal da CEPLIJ (Pinto, 2016, p. 296-297). Isso significa que, no que diz respeito à literatura infantil e juvenil durante o governo salazarista, o autor participou ativamente das discussões e tomadas de decisões sobre o tipo de discurso das obras que poderiam ser publicadas naquele período.

É irônico que tal posição de destaque na Comissão não tenha sido suficiente para impedi-lo de, em determinado momento, também sofrer uma represália do sistema censório. Isso ocorreu em 1952, quando a censura proibiu a circulação de um suplemento intitulado **Pajem**, que fazia parte da revista **Cavaleiro andante**, dirigida por Müller, com a alegação de que a indicação “infantil” em suas páginas seria inadequada. Para o Subdiretor dos Serviços da Censura, sob a justificativa de uma adequação às normas das **Instruções para a Literatura Infantil**⁵, a serviço do regime totalitário, a classificação ideal seria a de “juvenil”, por ser mais adequada a maiores de 12 anos (Pinto, 2016, p. 306).

Tal situação explicita como o documento instrucional teve um papel ativo na formulação dos conceitos de literatura infantil e literatura juvenil durante o Estado Novo. Embora Müller fosse um apoiador notável do regime de Salazar, o autor não deixou de apresentar ressalvas sobre as abordagens mais restritivas impostas pelas **Instruções para a Literatura Infantil**:

Fê-lo, como seria normal à época, de forma reservada, em carta dirigida ao Director dos Serviços de Censura. A verdade é que se o “constrangimento de recorrer à colaboração estrangeira” era ditado pela rarefação de criadores portugueses, faria sentido que se definissem metas (75% de colaboração nacional) inatingíveis? Era a pergunta que deixava. (Pinto, 2019, p. 194)

Esse posicionamento é coerente ao se levar em consideração obras publicadas por Adolfo Simões Müller antes da criação da CEPLIJ e da CLEPM. No repertório, há títulos como **O capitão da morte: pequena história de Roberto Scott e da sua viagem ao Pólo Sul** e **O homem das mil invenções: pequena história de Edison e dos seus inventos**, que tratam de figuras europeias com contribuições importantes para a humanidade, mas sem nacionalidade portuguesa. O progressivo fortalecimento do Estado Novo, contudo, e sua preocupação cada vez mais alarmante quanto à “invasão” das HQs norte-americanas, fizeram com que o autor tivesse de se moldar

e se adaptar às novas imposições estatais, passando a focar no engrandecimento de heróis portugueses como contraponto à ameaça de hegemonia dos quadrinhos norte-americanos, que também preocupava outras nações (Pinto, 2019, p. 185).

Nesse contexto, **O grande almirante das estrelas do sul: pequena história de Gago Coutinho e da 1ª viagem aérea ao Brasil** insere-se como uma obra exemplar do material infanto-juvenil que deveria ser produzido durante o regime salazarista. Com o engrandecimento de uma figura portuguesa de feitos notáveis para a aviação, o nacionalismo poderia ser reaceso nos mais novos, os futuros cidadãos adultos portugueses. Esse resgate do sentimento de orgulho português, característico do Estado Novo, fortalecia o discurso nacionalista que deveria conduzir as próximas gerações, como discutido no excerto a seguir:

Tal reeducação pretende, pois, no respeito pela ordem e na aceitação da ordem, a assimilação dos valores “portugueses” ao serviço e em benefício da Pátria, evocando, por exemplo, as figuras míticas dos heróis e dos santos como manifestação de um nacionalismo salvador. (Bárbara, 2014, p. 69)

Sob esse contexto, torna-se notável o subtexto colonial português manifestado no livro. Em trechos que antecedem o início do projeto de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, a exploração das colônias é tratada pelo autor como necessária para o progresso da nação portuguesa, reacendendo um posicionamento colonizador. Isso pode ser observado no seguinte trecho, no qual o autor discorre sobre a situação no Timor, na década de 1920:

Aqui e além, todavia, sobretudo entre os povos do oeste da ilha, havia régulos insubmissos que pegavam em armas contra a dominação dos portugueses. Esses actos de rebeldia prejudicavam todos os planos de fomento e era preciso, por isso, pôr-lhes termo. Só em paz os homens conseguem percorrer os caminhos da civilização. (Müller, 1954, p. 58)

Nesse trecho, pode-se identificar também um caráter didático. Müller resume os movimentos dos timorenses a simples “actos de rebeldia”, sem estimular o senso crítico dos jovens portugueses de 12 a 16 anos — público-alvo da coleção **Gente grande para gente pequena** (Müller, 1954, p. 3) —, visto que uma das intenções do regime, no campo da literatura infantil e juvenil, era formar jovens adequados ao padrão do “homem novo” salazarista (Pinto, 2016, p. 315). Além disso, o autor mostra-se favorável às represálias de Portugal sobre o Timor, sob a justificativa de que os movimentos dos timorenses atrapalhavam o progresso da nação portuguesa.

Essa ótica colonial, evocada por uma necessidade implícita de afirmar Portugal como uma nação-mãe e as colônias como meras áreas conquistadas, mostra-se constante no decorrer da narrativa. Mesmo em páginas que tratam de outros assuntos, não necessariamente ligados às relações histórico-coloniais, esse desejo de afirmação é manifestado. Um exemplo disso ocorre no capítulo 13, quando o autor faz uma referência

a São Paulo: “No Brasil, o entusiasmo é o mesmo. A *colônia portuguesa de S. Paulo* propõe-se entregar aos heróis cem contos de réis fortes” (Müller, 1954, p. 130, grifo nosso). A mesma lógica colonial pode ser observada no capítulo 10, no trecho em que é citado o entusiasmo dos portugueses e dos brasileiros com a viagem, enfatizando esses últimos como “ligados à pátria-mãe pelos laços de sangue que prendem os filhos aos pais” (Müller, 1954, p. 100), e no capítulo 15, no trecho “A *colônia portuguesa do Brasil* queria oferecer também um avião” (Müller, 1954, p. 149, grifo nosso). Com essas reiterações frequentes, o autor defende implicitamente que, independente ou não, a nação brasileira nunca poderia se desvencilhar da herança cultural e social deixada por Portugal. Embora a Independência do Brasil tenha ocorrido cem anos antes dos eventos narrados no capítulo, Müller reacende uma posição de subalternidade do país em relação à nação portuguesa. Essa retomada histórica mostra-se como mais uma ferramenta de enaltecimento da exploração portuguesa realizada nos séculos anteriores, dessa vez com um foco maior dado à colonização em território brasileiro e à histórica travessia ultramarina do século XV.

Sob tais estímulos a aspirações nacionalistas inseridos pelo autor, em diversos trechos a viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral é comparada às navegações transatlânticas do século XV. Um exemplo desse comparatismo se dá em uma fala de Sacadura Cabral, no capítulo 9, intitulado “Convite para a aventura”:

— Ó Gago Coutinho: você está disposto a ir comigo, pelo ar, até ao Brasil? A viagem do Read deu-me a volta ao miolo e entendo que nós, os portugueses, temos a obrigação de demonstrar que somos capazes de fazer no século XX o que nossos antepassados fizeram no século XV. Venha daí, homem! (Müller, 1954, p. 97-98)

Além de referenciar as navegações ultramarinas que resultaram na invasão e colonização do território brasileiro, essa fala insere Gago Coutinho e Sacadura Cabral como representantes do povo português. Com o uso do plural em “nós, os portugueses”, a proposição do aviador esclarece que será um feito não apenas para os dois homens, mas para toda a população portuguesa, e coloca a viagem aérea até o Brasil como uma obrigação urgente para a nação.

As comparações, entretanto, não se restringem às viagens empreendidas. Em diversos trechos, Gago Coutinho e Sacadura Cabral são comparados aos próprios navegadores portugueses dos séculos XIV e XV. No capítulo 12, o autor afirma que um jornal francês (não referenciado) os afirmou como descendentes de Vasco da Gama (Müller, 1954, p. 121). Cinco capítulos depois, no capítulo 17, “A vitória das águias”, uma comparação é feita por meio de uma fala do próprio Gago Coutinho: “Pedro Álvares Cabral foi aqui recebido há 422 anos, apenas pelos índios. E nós vamos ser recebidos entre abraços e flores...” (Müller, 1954, p. 170).

Essas comparações acabam por aproximar a história da colonização portuguesa ao século de lançamento do livro. Tal relação de proximidade é evocada, ainda, pela presença física de um exemplar de **Os Lusíadas**, que acompanha Coutinho e Cabral durante toda a trajetória de Lisboa até o Rio de Janeiro e, juntamente com a cruz pendurada no avião, assume um papel quase que de proteção espiritual para os heróis, aos olhos do escritor Coelho Neto (Müller, 1954, p. 173). Com essas aproximações propositais, Müller estabelece uma relação de continuidade das conquistas empreendidas pela nação portuguesa, fortalecendo o discurso nacionalista estimulado pelo Estado Novo.

A reivindicação colonial manifesta-se, também, na construção narrativa de Gago Coutinho como um herói nacional português. O capítulo 3, intitulado “Aventuras de marinheiro”, traz o início da trajetória de Coutinho como navegador e geógrafo, com um foco explícito na formação de sua imagem altruísta. Isso torna-se evidente quando é descrita a percepção de Coutinho sobre pessoas negras: “Os negros merecem-lhe logo a maior simpatia. Naquela época, ainda havia muita gente para quem eles não passavam de uma mercadoria, como o ébano ou o marfim” (Müller, 1954, p. 39). Ao afirmar que o protagonista do livro simpatizava com os negros, em contrapartida à maioria da população de seu país, o autor eleva-o a uma figura humanitária de vanguarda. Esse aspecto é fortalecido no capítulo 4, “Os grandes precursores”, no qual é mostrada a preocupação do geógrafo com os homens que se perdem no mar.

Entretanto, o capítulo 5, “Pioneiro da civilização”, torna evidente que a imagem empática de Gago Coutinho não ultrapassa sua lealdade ao sistema colonial. A construção prévia do herói como uma figura humanitária tenta suavizar a defesa da submissão das colônias, colocando as batalhas contra a resistência timorense como um mal necessário para o progresso português (Müller, 1954, p. 58).

Além de justificar a lógica colonial, o livro também ilustra o controle discursivo do Estado Novo por meio da representação das mulheres. Com personagens femininas restritas às atividades domésticas e maternas, a narrativa possui reflexos do controle discursivo do Estado Novo sobre os papéis de gênero, corroborado por organizações como a Obra das Mães para a Educação Nacional e a Mocidade Portuguesa Feminina (Bárbara, 2014, p. 75). Entre as 224 páginas, apenas oito mulheres são mencionadas individualmente: (1) D. Carlota, a professora do ensino primário de Gago Coutinho (Müller, 1954, p. 17-18); (2) Fortunata Maria Coutinho, mãe de Gago Coutinho (Müller, 1954, p. 28-30; p. 34); (3) Sr^a D. Maria Augusta Pereira, uma criada da família que afeiçoa-se a Gago Coutinho e, posteriormente, torna-se sua figura materna após a morte de Fortunata (Müller, 1954, p. 29-30; p. 34; p. 46; p. 81); (4) a rainha consorte de Portugal em 1685, Maria Sofia Isabel de Neuburgo, que sequer tem seu nome mencionado (Müller, 1954, p. 53); (5) Aida da Costa, uma das primeiras mulheres a pilotar uma

aeronave (Müller, 1954, p. 77); (6) a madrinha de guerra de Sacadura Cabral, em Paris (Müller, 1954, p. 154); (7) a esposa do então presidente da República do Brasil, que foi madrinha da viagem dos heróis (Müller, 1954, p. 174); e (8) a viúva do capitão Tamlyn (Müller, 1954, p. 199), um homem que salvou os heróis portugueses de um naufrágio no Atlântico. Dessas oito mulheres, apenas quatro têm seus nomes mencionados (as três primeiras e Aida da Costa).

Todas são citadas em breves passagens, e sempre como coadjuvantes na trajetória de um homem. Fortunata Maria Coutinho e Sr^a D. Maria Augusta Pereira, as duas personagens femininas mais citadas no livro (ainda que suas aparições restrinjam-se a poucas páginas nos capítulos iniciais), são retratadas apenas em sua função maternal para com o futuro aviador Gago Coutinho.

Em contrapartida, dezenas de homens são reverenciados na narrativa, tendo não apenas seus nomes mencionados, mas também suas aventuras e contribuições para a humanidade. No último capítulo, Müller traz uma lista de figuras importantes para a história da aviação, na qual são incluídos apenas homens:

Dédalo — O sonhador
Ícaro — O ambicioso
Leonardo da Vinci — O primeiro teórico
Bartolomeu de Gusmão — O voador da *Passarola*.
Lilienthal — A asa dos dois mil voos
Ader — O herói do primeiro motor
Irmãos Wright — Os inventores do terceiro comando
Santos Dumont — O pai da aviação
Farman — O génio do circuito fechado
Bleriot — O homem que ligou dois países
Garros — O homem que ligou dois continentes
Alcock e Brown — Os primeiros vencedores do Atlântico
Gago Coutinho e
Sacadura Cabral — Os heróis do Atlântico Sul
(Müller, 1954, p. 206, grifo do autor)

Mulheres que contribuíram com o desenvolvimento dessa tecnologia, como a francesa Raymonde de Laroche e a estadunidense Blanche Stuart Scott (ANAC; UnB, 2024, p. 22), são ignoradas nessa lista e em todo o restante do livro. Tal desconsideração das figuras femininas importantes para a história da aviação, somada à representação de mulheres restrita aos papéis de mães e esposas no livro, está em consonância com o projeto sociopolítico de propagação da imagem da nova mulher portuguesa que a doutrina salazarista esforçava-se para sustentar: “boa esposa, boa mãe, boa dona de casa, boa cristã” (Bárbara, 2014).

Para além da defesa de uma lógica nacionalista colonial e da escassa representação feminina, o posicionamento de Müller como defensor do regime do Estado Novo torna-se ainda mais nítido no capítulo 17, “A vitória das águias”, que marca a finalização do trajeto e o regresso dos heróis portugueses a Lisboa. No trecho em que o narrador descreve o retorno

de Coutinho e Cabral, o clima de entusiasmo da população com a nova conquista nacional mescla-se com a crítica à atmosfera política conturbada vivida naquele momento do país:

A 26 de outubro, os dois aviadores regressam a Lisboa, no pacote *Porto*. Portugal vivia nessa altura em permanente desordem. Não se passava quase uma semana sem que houvesse uma greve ou um tumulto, sem que rebentasse uma bomba ou caísse um ministério. Os rapazes de hoje não sabem — e ainda bem! — o que isso é. Os homens então não se entendiam. Pois Gago Coutinho e Sacadura Cabral de tal modo galvanizaram o país com a sua façanha que conseguiram o prodígio de congregar todos os portugueses. Infelizmente, aquela união foi sol de pouca dura. Só mais tarde Portugal encontraria definitivamente o sossego. (Müller, 1954, p. 177-178)

Nesse sentido, a crítica de Müller no parágrafo citado insere-se como uma justificativa para os eventos posteriores que levaram à instauração do regime ditatorial do Estado Novo. Com essa breve exposição da situação política de 1922, o autor induz os jovens leitores a compreenderem o referido “sossego” como uma consequência do governo salazarista experimentado anos depois, de modo que a instituição do Estado Novo seria compreendida como a solução necessária para os problemas daquele período.

Além disso, é possível identificar, no livro, a aproximação do regime salazarista com os fascismos europeus. De acordo com Pinto (2019, p. 229), essa proximidade manifestava-se na inspiração da Mocidade Portuguesa em movimentos estatais criados pelos regimes autoritários da década de 30, entre os quais destacava-se o fascismo italiano. No livro de Müller, tal confinidade explicita-se no capítulo 19, “Muitos anos depois”, com a inclusão de um dos maiores representantes do fascismo no período:

A esquadrilha do general italiano Balbo chega a Lisboa e o comandante entrega o seu distintivo de ouro a Gago Coutinho, declarando:

— Este emblema pertence por direito a quem conquistou o Atlântico pelos ares!

Promovido a vice-almirante e colocado na presidência da Comissão de Cartografia, no ministério das Colónias, é nesse lugar que eu o procuro um dia.

(Müller, 1954, p. 196)

Embora Müller não faça qualquer adjetivação sobre a figura do general Ítalo Balbo, a inclusão desse momento de reconhecimento de Gago Coutinho pelo fascista italiano contribui narrativamente com a valorização dos feitos do aviador. Em outras palavras, o autor atribui um valor ainda maior para a conquista do herói português ao mostrar um gesto de reconhecimento efetuado por um dos representantes do fascismo italiano. Dessa forma, esse trecho evidencia, simbolicamente, a proximidade do regime do Estado Novo com os fascismos europeus do mesmo período, ainda que a ditadura em Portugal tenha ocorrido sob uma expressão nacionalmente diferenciada (Rosas, 2001, p. 1032).

Desse modo, torna-se nítido que o livro **O grande almirante das estrelas do sul: pequena história de Gago Coutinho e da 1ª viagem aérea ao Brasil** configura-se como uma representação exemplar do padrão de literatura infanto-juvenil exigido pela ditadura de Salazar. Sem tecer críticas ao governo e com diversas manifestações de orgulho do passado colonial, além de reivindicar os territórios colonizados, Müller revive duas figuras portuguesas com relevantes contribuições para a humanidade, tornando-as uma inspiração para os jovens da nação e ressuscitando o orgulho português estimulado pelo Estado Novo (Pinto, 2016, p. 312). Tal conformidade à ditadura então vigente também se encontra na representação do feminino no livro, alheia às contribuições de mulheres para a aviação e com personagens restritas aos papéis de mães e esposas, sem características autênticas, meras coadjuvantes de trajetórias masculinas. Além disso, as constantes comparações de Gago Coutinho e Sacadura Cabral aos navegadores portugueses dos séculos XIV e XV evidenciam mais um esforço do autor em tentar resgatar o discurso de grandeza e exploração que marcou a história do país. A valorização dada pelo autor ao reconhecimento dos heróis por um general fascista italiano, no final do livro, também simboliza a aproximação da ditadura de Salazar com outros regimes autoritários em ascensão na Europa. Com esses aspectos discutidos, torna-se compreensível que **O grande almirante das estrelas do sul: pequena história de Gago Coutinho e da 1ª viagem aérea ao Brasil** não deve ser lido como apenas mais um livro produzido durante a vigência do Estado Novo, mas sim como uma obra representativa e laudatória do período em questão, um modelo compatível com as exigências impostas por comissões censórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL (ANAC); Universidade de Brasília (UnB). **Mulheres na Aviação Civil**: Estudos para uma regulação inclusiva no setor. Meta A02 - Panorama do conhecimento por meio de revisão da literatura. Relatório Técnico Integrado de Revisão da Literatura com Minutas de Artigo Científico. Brasília: ANAC, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/anac/pt-br/centrais-de-conteudo/asas-para-todos/meta-02-panorama_do_conhecimento.pdf/view. Acesso em: 01 nov. 2025.

BÁRBARA, Maria Elisabete da Silva. **Os contos de Perrault em Portugal no Estado Novo**. 2014. 250 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014. p. 67-86. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/23758>. Acesso em: 15 nov. 2025. DOI: <https://hdl.handle.net/10316/23758>.

COMISSÃO DE LITERATURA E ESPETÁCULOS PARA MENORES — CLEPM. Circular nº 284, de 18 de outubro de 1955. Enviada a todos os jornais infantis e juvenis, à exceção do “Titã” e “Flecha”. Instruções da Comissão de Literatura e Espectáculos para Menores: tradução para português dos nomes das personagens, as histórias devem desenrolar-se em território

nacional (ou em territórios que já pertenceram a Portugal); os textos devem ser gramaticalmente corretos e devem respeitar os símbolos patrióticos e religiosos. **Direção dos Serviços de Censura:** Lisboa, p. 1-2, 18 out. 1955. Disponível em: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_152516. Acesso em: 01 nov. 2025.

GARCIA, José Luís Lima. Propaganda no Estado Novo e os concursos de literatura colonial: o concurso da Agência Geral das Colónias/ULTRAMAR (1926-1974). In: TORGAL, Luís Reis; Paulo, Heloísa. **Estados autoritários e totalitários e suas representações**. Coimbra: Imprensa Universitária, 2008, p. 131-143.

MÜLLER, Adolfo Simões. **O grande almirante das estrelas do sul:** pequena história de Gago Coutinho e da 1ª viagem aérea ao Brasil. Ilustrações de Fernando Bento. 2. ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1954. (Coleção Gente Grande Para Gente Pequena, v. 5)

MÜLLER, Adolfo Simões. **O grande almirante das estrelas do sul:** Gago Coutinho e a primeira viagem aérea ao Brasil. Ilustrações de Fernando Bento. 4. ed. Lisboa: Livraria Tavares Martins, 1962. Exemplar consultado na Bibliothèque nationale de France. (Coleção Gente Grande Para Gente Pequena, v. 5). Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb434368345>. Acesso em: 01 nov. 2025.

MÜLLER, Adolfo Simões. **O homem das mil invenções:** pequena história de Edison e dos seus inventos. Ilustrações de Fernando Bento. Lisboa: Livraria Tavares Martins, 1953. (Coleção Gente Grande Para Gente Pequena; v. 7).

MÜLLER, Adolfo Simões. **O piloto do navio fantasma:** pequena história de Wagner e da sua música genial. Ilustrações de Fernando Bento. Lisboa: Livraria Tavares Martins, 1952. (Coleção Gente Grande Para Gente Pequena; v. 6).

PINTO, Ricardo Luís Leite. **A Censura e as Publicações Periódicas Infanto-Juvenis no Estado Novo:** o papel da Comissão Especial para a Literatura Infantil e Juvenil e da Comissão para a Literatura e Espectáculos para Menores (1950-1968) — Volume I. 2019. Tese (Doutorado em História Contemporânea) — Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.

PINTO, Ricardo Luís Leite. Salazar contra “Superman”: Banda Desenhada e Censura durante o Estado Novo: o caso das publicações periódicas infanto-juvenis e o papel da Comissão Especial para Literatura Infantil e Juvenil e da Comissão da Literatura e Espectáculos para Menores (1950-1956). **História**. Revista da FLUP, IV série, v. 6. Porto: 2016, p. 289-321. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/1731>. Acesso em: 22 out. 2025.

ROSAS, Fernando. O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. **Análise Social**, vol. XXXV, 2001, p. 1031-1054.

SECO, Carlos Alberto Antunes. **Adolfo Simões Müller**: Príncipe da Literatura Infanto-Juvenil. Orientador: Leonor Riscado. 2012. Dissertação (Mestrado em Didática da Língua Portuguesa) — Departamento de Educação, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/entities/publication/cdee24ea-833e-40bb-ae9-61a51aaab895>. Acesso em: 23 out. 2025. DOI: <http://hdl.handle.net/10400.26/12257>.

SILVA, Sara Reis da. Literatura para a infância no período do Estado Novo: voltar a ler Maria Cecília Correia. In: COQUET, E. *et al.* (coord.). ENCONTRO DE INVESTIGAÇÃO EM LEITURA, LITERATURA INFANTIL E ILUSTRAÇÃO, 10º nacional, 8º internacional, 2014, Braga. **Atas do 10º Encontro Nacional (8º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração**. Braga: CIEC — Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2014. p. 429-436. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/entities/publication/e7d801c3-0ec5-4e-2d-9ab6-06ca13c7900b>. Acesso em: 07 nov. 2025. DOI: <https://hdl.handle.net/1822/33839>.

SILVA, Sara Reis da. La censura de la literatura infantil durante la dictadura de Salazar: estudio de un caso muy singular. **Bellaterra Journal of Teaching & Learning Language & Literature**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 1-15, fev./mar. 2025. Disponível em: <https://revistes.uab.cat/jtl3/article/view/v18-n1-silva>. Acesso em: 07 nov. 2025. DOI: 10.5565/rev/jtl3.1352.

Recebido para avaliação em 17/11/2025.

Aprovado para publicação em 06/03/2026.

NOTAS

1 Mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP). Possui graduação em Letras Português, pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), e pós-graduação (*lato sensu*) em Escrita Criativa e Produção Literária, pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Natural de Sorocaba (SP).

2 Professor doutor junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, atuando na área de Literatura Infantil e Juvenil. Tradutor e mediador de leitura.

3 De acordo com Silva (2025, p. 3), a censura ocorreu com a publicação do Decreto nº 22.469, de 11 de abril de 1933, e do Decreto nº 26.589, de maio de 1939.

4 Posteriormente, o Concurso de Literatura Colonial passa por reformulações e novas categorias são incluídas: “«Camilo Pessanha», para a poesia; «Frei João dos Santos», para o ensaio (sociológico, etnográfico ou de temas relacionados com o conhecimento do homem); «Fernão Mendes Pinto», para a novelística (romance, conto ou novela); e «João de Barros», para a história.” (Garcia, 2008, p. 139).

5 Embora Pinto (2016) atribua esse documento a Edmundo Curvelo, Silva (2014, p. 430; 2025, p. 4) classifica as **Instruções para a Literatura Infantil** como “de autoria não identificada”.